

homens de letras. Republicano convicto, com os maiores e mais antigos serviços à causa do novo regime, em cuja propaganda se empenhara desde os tempos de estudante, e a cujos princípios ficou fiel ao longo de toda a sua existência, como político e como jornalista, a entrada de Quintino Bocaiuva para o primeiro ministério republicano era mais do que o reconhecimento de seus serviços e de seus méritos pessoais, porque era o reconhecimento da importância que a imprensa tivera no advento do novo regime. Ninguém a poderia representar melhor, realmente⁽¹⁷¹⁾.

Os acontecimentos de novembro de 1889 trouxeram ao Brasil, como correspondente de jornal parisiense, a Max Leclerc que teve a oportunidade de traçar o quadro da imprensa brasileira daquela fase, com algumas observações exatas e agudas: "A imprensa no Brasil é um reflexo fiel do estado social nascido do governo paterno e anárquico de D. Pedro II: por um lado, alguns grandes jornais muito prósperos, providos de uma organização material poderosa e aperfeiçoada, vivendo principalmente de publicidade, organizados em suma e antes de tudo como uma empresa comercial e visando mais penetrar em todos os meios e estender o círculo de seus leitores para aumentar o valor de sua publicidade do que empregar sua influência na orientação da opinião pública. Tais jornais ostentam uma certa independência, um certo ceticismo zombeteiro, à maneira do nosso *Figaro*, ou se mostram imparciais até a impassibilidade. Em torno deles, a multidão multicolor de jornais de partidos que, longe de ser bons negócios, vivem de subvenções desses partidos, de um grupo ou de um político e só são lidos se o homem que os apóia está em evidência ou é temível. Nos jornais mais lidos, os anúncios invadem até a primeira página: transbordam de todos os lados, o espaço deixado à redação é muito restrito e, nesse campo já diminuto, se esparramam diminutas notícias pessoais, disque-disques e fatos insignificantes; o acontecimento importante não é, em geral, convenientemente destacado, porque ao jornalista como ao povo, como ao ex-imperador, falta uma concepção nítida do valor relativo dos homens e das coisas; carecem eles de um critério, de um método. A imprensa em conjunto não procura orientar a opinião por um caminho bom ou mau; ela não

(171) Quintino Bocaiuva (1836-1912) começou como tipógrafo, passando depois a revisor, fazendo o curso de Direito em S. Paulo, onde fundou, com Ferreira Viana, *A Honra*, iniciando a propaganda republicana que jamais abandonaria. Crítico e teatrólogo, a atividade de jornalista absorveu-o depois integralmente. Tendo colaborado em vários jornais estudantis e, posteriormente, na Corte, distinguiu-se particularmente em *A República* (1870-1874), *O Globo*, *O Cruzeiro* e *O País*, desde 1885, jornais que dirigiu e de onde orientou a propaganda republicana e os rumos do Partido Republicano, de que foi um dos fundadores. Ministro das Relações Exteriores, no Governo Provisório, governador do Estado do Rio de Janeiro, senador, Quintino Bocaiuva foi a figura mais eminente da imprensa brasileira em sua época.